

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Duas narrativas para um mito: Tiradentes nas obras de Lúcio José dos Santos e Francisco de Assis Cintra

Tereza Cristina Pereira Lima*

Resumo: A presente pesquisa se propõe a analisar as representações historiográficas sobre o papel de liderança de Tiradentes na Inconfidência Mineira e identificar o processo de mitificação de Tiradentes como herói deste movimento nas obras de Lúcio José dos Santos e Francisco de Assis Cintra. A Inconfidência Mineira tem sido elemento de suporte a uma determinada construção historiográfica, Tiradentes desponta como seu símbolo, síntese das idéias das quais o movimento seria o precursor, no Brasil.

Palavras-chave: memória, identidade nacional, representação e imaginário.

Abstract: Two narrations for one myth: Tiradentes in the works by Lúcio José dos Santos and Francisco de Assis Cintra. This research proposes the analysis of the historiographic representations about the leadership role of Tiradentes in the Inconfidência Mineira (Minas Conspiracy) and the identification of the mythologization process of Tiradentes as the hero of this movement in the works by Lúcio José dos Santos and Francisco de Assis Cintra. The Minas Conspiracy has been a support element for a determined historiographic construction, where Tiradentes appears as its symbol, a synthesis of ideas of which the movement would be the predecessor, in Brazil.

Keywords: memory, national identity, representation and ideal.

Os trabalhos historiográficos desenvolvidos no início do século XX procuraram desenvolver na sociedade brasileira o culto à Pátria, aos seus símbolos, às tradições, às instituições e aos grandes vultos de sua história. Nessa concepção, os homens não aparecem como construtores da história; ela é conduzida pelos “grandes vultos”, cultuados e glorificados como os grandes sujeitos históricos. Isso significa que ao valorizar certo tipo de ação heróica e abnegada de alguns personagens da História como modelos de conduta moral e patriótica, alguns historiadores trabalhavam com noções e valores caros à formação cultural brasileira, de forte herança cristã. A provável identificação da população com esses valores certamente poderia facilitar a apreensão daquilo que se queria transmitir e reforçar, do ponto de vista da formação moral e política, pelo menos até meados do século XX.

* Graduada em História pela UPIS – União Pioneira de Integração Social, Especialista em História Cultural pela Universidade de Brasília. Trabalho realizado sob orientação do Prof. Emerson Dionísio G. de Oliveira.

As referências culturais de base religiosa dos militantes e historiadores republicanos do final do século XIX devem ser consideradas na análise das formulações sacralizadas construídas em torno de Tiradentes. A sua aceitação, como herói republicano, seria facilitada, numa sociedade de forte formação católica, pela associação entre o sacrifício cristão e o sacrifício patriótico. Segundo Carvalho, nesse momento “Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim herói cívico-religioso, como mártir, integrador, portador da imagem do povo inteiro” (CARVALHO, 1990:70). Civismo e moral estabeleciam o laço entre política e religião, visível também no discurso político do período.

Lúcio José dos Santos fez a exposição de sua obra mais conhecida, *A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, por ocasião das comemorações do centenário da Independência brasileira. O autor não se limitou a copiar e resumir os fatos narrados nos Autos da Devassa, traçou cuidadoso plano de exame crítico dos documentos. Procurou estabelecer os antecedentes (o contexto histórico); a prioridade na idéia (o líder); a conspiração (planos e ações dos inconfidentes); os agentes; a denúncia e a repressão (a prisão, o inquérito e a condenação), buscando estudar e expor o “verdadeiro” papel de Tiradentes na Inconfidência.

Santos apresenta em sua obra um Tiradentes decidido e corajoso propagandista de um país independente, republicano e auto-suficiente. Lutando para desencadear a revolta, Tiradentes apresentou-se como um revolucionário capaz de correr qualquer risco para enfrentar o sistema repressivo no qual vivia. Procura estudá-lo nas relações pessoais, na família, no trato social de seu tempo, segundo os documentos autênticos, sem tradições, sem preconceitos.

Em Santos temos claramente explicitada uma leitura em que sobressaem aspectos do idealismo e da abnegação dos inconfidentes mineiros, concebidos, sobretudo, como elementos de construção tanto da nação como do lugar de Minas Gerais na identidade nacional. Suas análises estão fundadas na compreensão dos “grandes acontecimentos” e voltadas para o fortalecimento dos sentimentos de civismo, os direitos e os deveres dos cidadãos para com a pátria e a humanidade. Ele analisa o movimento pautado pela idéia da construção nacional que, a partir das noções de pátria, tradição, família e nação¹, formaria na população o espírito do patriotismo e da participação consciente.

Como o termo “nação” está ligado a uma vastíssima produção intelectual de onde surge um campo minado de concepções e contra-concepções, vamos nos limitar ao conceito

¹ O termo “nação”, no século XIX, esteve com frequência associado aos conceitos de povo (uno) e seu “espírito” patriótico.

de Benedict Anderson, para quem nação é, "dentro de um espírito antropológico uma comunidade política imaginada". Se, no sentido amplo, todas as comunidades são imaginadas — isto é, constituídas a partir do discurso — a nação se distinguiria das demais por ser implicitamente limitada e soberana. Limitada, porque possui fronteiras finitas. Soberana, porque imaginada como livre e autônoma diante das outras nações. Comunidade, finalmente, porque, apesar das desigualdades e conflitos existentes na prática, é sempre concebida como um espaço de relações de fraternidade e solidariedade horizontais (ANDERSON, 1989:14-16). Solidariedade esta que se refere ao compartilhamento de objetivos ou interesses.

Na busca da recuperação do passado no quadro do ideário nacionalista, a ênfase em grandes feitos e grandes heróis não poderia deixar de ser considerada. Uma das idéias mais caras a essa perspectiva é a do trabalho em prol do coletivo, o serviço prestado à nação e o sacrifício pela pátria. O discurso sacralizado será, portanto, perfeitamente adequado aos objetivos do Estado. A obra de Santos reforça esta idéia. Em referência aos inconfidentes, o autor afirma que “Eles empreenderam salvar a pátria, tentaram obter a liberdade, sacrificaram-se por um ideal nobilíssimo, sofreram cruel suplício: é quanto basta para a sua glória e para o nosso reconhecimento” (SANTOS, 1927:583).

Assim, verifica-se a ênfase no civismo e no patriotismo de Tiradentes, elementos explorados num esforço de produção de sentimentos capazes de fixar as relações sociais no processo de construção de uma identidade nacional coletiva. A apropriação de sua imagem como sustentáculo dessa nacionalidade brasileira vai se estender além da década de 30, com a instauração do Estado Novo. O governo de Getúlio Vargas, desde 1930, entendeu a importância do cultivo de uma história e de uma memória nacionais para a construção da identidade nacional específica. Suas estratégias não se limitavam ao ensino escolar propriamente dito, mas iam além, atingindo políticas de preservação do patrimônio histórico e da celebração da memória da nação, por meio das festas cívicas, marcando fortemente o chamado período populista, até o início da década de 60 (FONSECA, 2003:72).

Francisco de Assis Cintra em, *Tiradentes perante a história: revelações sobre a Inconfidência Mineira*, de 1922, faz um estudo também baseado na análise documental dos Autos de Devassa. Seu trabalho pode ser considerado um contraponto a obra de Santos. Não é difícil localizar nos textos diferenças de enfoque entre os historiadores. Essa diferença é proporcionada pelo tema que suscita um leque bastante amplo de questões. Sua disposição é mais descritiva do que analítica e seu enfoque central diz respeito ao homem e não às circunstâncias. Não deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o arcabouço de sustentação em torno do qual constrói sua obra.

Para desenvolver uma determinada consciência cívica, a propaganda republicana e a história tradicional procuraram exaltar e valorizar de maneira extrema qualidades e características consideradas heróicas – devoção, abnegação, patriotismo, sacrifício, altruísmo, coragem – em detrimento aos sentimentos humanos, revestindo assim, o movimento e seus personagens, de uma roupagem mítica ou heróica. Cintra procura restaurar essa humanidade aos personagens do movimento mineiro, principalmente a Tiradentes, o seu principal articulador, demonstrando que esse caráter humano não é incompatível com os grandes atos “heróicos”.

Assim Cintra nos mostra como ponto falho no caráter “humano” de Tiradentes suas negativas de envolvimento no levante ocorrido, quando dos três primeiros interrogatórios. As negativas em si não tiram o mérito de Tiradentes, mas as palavras que este usou para proferi-las segundo o autor ferem a honra do herói.

Que dissesse não saber da nada; que negasse seus projectos e suas idéas; que se fizesse pequeno e humilde para não se apontado como chefe; que se desculpasse; que renegasse sua fé; que fizesse tudo isso com palavras dignas, em que sua honra não se ferisse na torpeza de respostas villãs... (CINTRA: 1922:07)

Toda a criatura humana é falível, sujeita às fraquezas e medos. Para o autor a falibilidade tem limites, ela não é compreensível quando afeta a dignidade e o brio. A resposta dada por Tiradentes quando inquirido sobre o movimento: “Fallaria em independencia um bebado ou um doido” (ibidem:7) é uma expressão de covardia e fraqueza que sombreia a glória de Tiradentes. No seu segundo interrogatório quando é perceptível que Tiradentes caminha para uma possível confissão, isso o faz entre avanços e recuos nas suas respostas às inquirições. Para Cintra este comportamento é destoante de um caráter firme e reto: “E Tiradentes? É o que se está vendo: Fraquezas improprias dum heroe” (ibidem:20).

Para Cintra acima de sua falibilidade, no fundo de um cárcere escuro, apertado e frio, Joaquim José fez um esforço tremendo para vencer seus próprios medos e superar seus opressores. Coisa que nenhum dos outros condenados mineiros conseguiu ou tentou fazer. Enfrentou a morte com muita determinação. Dentista prático, médico rudimentar, minerador, tropeiro, militar, engenheiro frustrado, sempre em busca de uma inatingível melhoria de vida, o alferes Joaquim José foi muito mais que um herói, foi simplesmente um homem. E isso, em tempos de opressão, violência do Estado e terror ante a morte, é ser tudo.

Apesar de sua diversidade de caráter, posição social, educação, Tiradentes continua constituído como um herói. Um herói humanizado, com seus temores e paixões, suas fraquezas e limitações.

Verdade é que Tiradentes fraquejou... Mas também é verdade que merece a veneração do Brasil porque cimentou os alicerces da Independência Brasileira com o seu generoso sangue de martyr. Tiradentes negou sua fé republicana tres vezes; nem por isso deixou de ser quem na realidade foi: um precursor da Independência (idem, ibidem.:37).

Kenneth Maxwell em sua obra verticalizou a análise historiográfica aprofundando-se na documentação mais conhecida sobre a Inconfidência, articulando-a a outras fontes, propondo uma abordagem inovadora e mais complexa do movimento. A Inconfidência Mineira foi movida, segundo ele, única e exclusivamente por motivos pessoais, por homens que viam na proposta de um Estado independente a única solução para seus problemas bem menos nobres que uma preocupação ideológica de fundo nacionalista. “A conspiração dos mineiros era basicamente um movimento de oligarcas e no interesse das oligarquias, sendo o nome do povo invocado apenas como justificativa” (MAXWELL, 2001:119).

O autor desenvolve a tese de que o alferes Joaquim José da Silva Xavier trazia em si todas as condições para ser “eleito” bode expiatório sendo o único a ter sua sentença efetivamente executada. O autor sugere até mesmo que aquele que viria a ser herói não atuava além das questões práticas. A sua morte, espetáculo público, usada como exemplo pelo governo, fez dele um símbolo.

A análise das representações de Tiradentes no universo social brasileiro demonstra como a história é um poderoso instrumento de legitimação política, o que foi percebido com muita lucidez pelos grupos que assumiram o poder em 1930. As bases de formação cívica e nacionalista por eles lançadas fincaram raízes profundas, sobrevivendo ao regime que as criou e, com certeza, ainda produzem efeitos nos dias atuais.

Segundo Thaís Nívia, as idéias de liberdade, coragem, abnegação, sacrifício, patriotismo são parte integrante das experiências sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, desde o século XVIII (FONSECA, 2002).

Muitas transformações ocorreram na historiografia desde daquela época. Entretanto, muitas das antigas idéias ainda ecoam em nossos dias e, mesmo que, aparentemente, não despertem mais interesse, elas continuam a ser repetidas e, de certa forma, a fazer sentido.

Este trabalho apresentou diferentes versões e exemplos de absorção sociocultural dos temas e imagens ligados ao movimento inconfidente e ao seu principal protagonista. São pequenos “fragmentos” da intensa apropriação de fatos e eventos ligados à Inconfidência Mineira por parte da sociedade e da historiografia brasileira. Uns, bem-sucedidos em seus objetivos, outros, nem tanto, são notáveis exemplos de como a discussão sobre o “mito de Tiradentes” é um objeto permanentemente trespassado pelas ansiedades e indagações do presente, o que propicia repetidas releituras dos fatos.

A criação e o enraizamento de mitos políticos, como é o caso de Tiradentes, devem ser entendidos na concretização das experiências e das referências sociais que possibilitaram a sua aceitação, permitindo sua circulação, seu reconhecimento e facilitando sua apropriação.

Uma releitura das idéias propagadas pelos inconfidentes, das leituras feitas pelos intelectuais setecentistas, uma reflexão sobre o caráter republicano construído do evento histórico, uma análise sobre suas apropriações históricas, uma discussão sobre o mito e seu papel no cenário político e cultural brasileiro após a década de 30, são algumas das possibilidades indicadas para discussões posteriores. Carecemos, entretanto, do “mergulho” nas fontes, tanto naquelas da historiografia tradicional, como os *Autos da Devassa*, como nas menos exploradas, principalmente no âmbito da história da cultura, do imaginário e do simbólico. Estas ainda aguardam pelo historiador da Inconfidência Mineira. Tiradentes ainda espera ser revelado, sem preconceitos, como o mito vivo que de fato é.

Alguns poucos trabalhos têm buscado esse manancial e têm aberto as fronteiras para os avanços neste campo. José Murilo de Carvalho já havia indicado alguns caminhos para a pesquisa dessa problemática, discutindo, em *A formação das almas*, a construção do mito de Tiradentes pelos republicanos no final do século XIX. Segundo Carvalho “o segredo da vitalidade do herói talvez esteja, afinal, em sua resistência aos continuados esforços de esquarteramento de sua memória”. (CARVALHO, 1990:73).

Tem-se aí um conjunto de representações em torno do episódio Inconfidência Mineira e de seu principal personagem, apropriadas ao longo do século XX por grupos políticos e sociais os mais diversos, em diferentes momentos, com múltiplos interesses e objetivos. Porém, a imagem de Tiradentes, herói nacional, mito moderno do nosso ideal de liberdade, sobrevive no tempo. A historiografia da Inconfidência Mineira e os interesses políticos e ideológicos cumprem o papel de perpetuar o mito. O campo político tem demonstrado ser um dos mais ricos para o estudo das representações e sugere constantemente

novos objetos de estudo. O imaginário, a representação, a produção e a recepção do discurso historiográfico reformularam a compreensão da cultura política.

Nessas reflexões ficam claros alguns aspectos importantes na construção do perfil heróico de Tiradentes, que apropriados pela historiografia clássica, acabam por utilizar suas fraquezas, sua situação social, e até mesmo seus supostos erros, como elementos de valorização de sua pessoa e de sua atuação. No fim, todos acabam por concordar que, pela morte, ele superou todas as restrições e, qualquer que fosse sua natureza, fez despontar, postumamente, todas as suas “verdadeiras” qualidades. Não é difícil perceber as possibilidades de aceitação dessa representação — e, também, de sua manipulação — junto ao público em geral, a partir de uma percepção deste Tiradentes que poderia simbolizar as conquistas de toda uma nação. Sua sombra legendária de vítima do despotismo merece o respeito da História.

Em nossa perspectiva, o exame da historiografia de referência e suas fontes, assim como o imaginário simbólico e o contexto histórico no qual foram geradas, revelaram-se um momento privilegiado para a apreensão do processo de construção do mito Tiradentes. Ao colocar-nos diante das opções feitas pelos historiadores em suas pesquisas, os estudos da historiografia nos permitiram avançar na crítica e na compreensão de sua relação com as fontes, bem como no entendimento da constituição da identidade e memória nacionais.

Da forma como foi sugerida neste trabalho, a análise sobre as apropriações historiográficas das representações de Tiradentes, na perspectiva da cultura política, possibilitou romper com a idéia de que elas dizem respeito apenas ao acontecimento histórico. Vistas nas suas relações com o imaginário e as representações políticas, elas se mostram multifacetadas, expondo as ações dos sujeitos nela envolvidos, a multiplicidade de interesses presentes em sua constituição e as referências culturais de que se alimentam.

A análise fundamentada em aportes teóricos da História Cultural propiciou a ampliação da diversidade de fontes e de seu tratamento, do desenvolvimento de análises que considerem as múltiplas temporalidades e os indícios de permanências e de rupturas nas representações políticas, que são também práticas culturais.

Temos de considerar o tema em seus múltiplos aspectos e tentar refletir sobre o seu alcance e sobre a natureza de suas apropriações políticas; tentar identificar por que, afinal, as questões relativas à representação política, às liberdades individuais e à cidadania são tão particularmente vinculadas ao discurso sobre a Inconfidência Mineira, o que é recorrente na História do Brasil. Instigante seria prosseguir na sondagem dos usos e funções que assume o mito político a partir da década de 30, período correspondente a uma nova etapa no

desenvolvimento político e cultural do país. A investigação já avança nesse sentido e poderá ser completada no futuro.

Referência bibliográfica:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CINTRA, Francisco de Assis. **Tiradentes perante a história: revelações sobre a Inconfidência Mineira**. São Paulo: Globo, 1922.

FONSECA, Tháís Nívia de Lima. *A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960)*. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 22, nº. 44, 2002, p. 439-462.

_____. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FURTADO, João Pinto. **O Manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa – Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Lúcio José dos. **A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira**. São Paulo: Lyceu Coração de Jesus, 1927.

SOUZA E SILVA, Joaquim Norberto. **História da Conjuração Mineira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 2 vols.